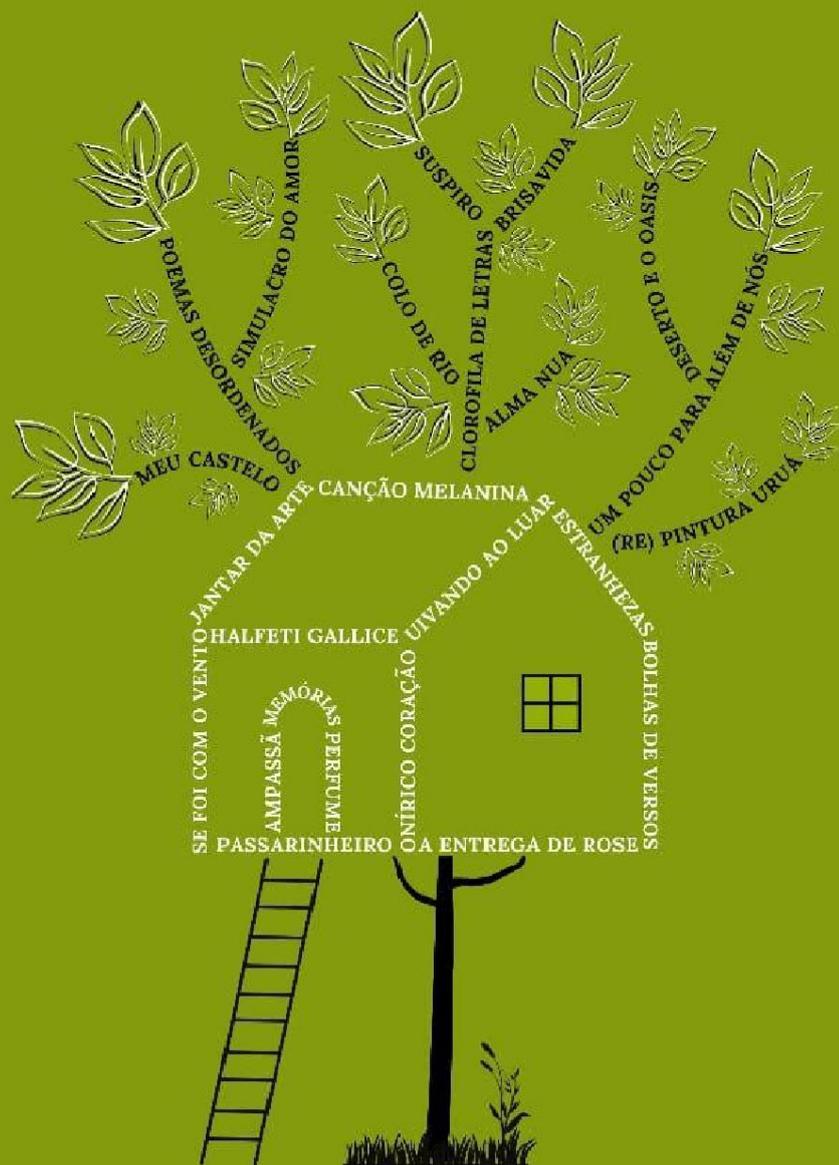


O REFÚGIO NAS PALAVRAS



SOLANO P. CORDEIRO

KAROLAINE B. TAVARES

The page features decorative line-art illustrations of leaves in the corners. In the top-left, there is a cluster of leaves. In the top-right, a branch with several leaves extends from the edge. In the bottom-left, a single leaf is shown. In the bottom-right, a larger branch with multiple leaves is visible. The leaves are simple line drawings with some internal vein details.

Solano P. Cordeiro
Karolaine B. Tavares

O REFÚGIO NAS PALAVRAS

2021

Copyright © 2021 by Solano Pinto Cordeiro e Karolaine Barroso Tavares

Letras e Versos

Rua Vaz de Toledo, 536 - Engenho Novo - Rio de Janeiro-RJCEP: 20780-150 - Tel: 21 2218-6026

Projeto Gráfico - Capa

Rosiane Tavares Ribeiro

Diagramação

Solano Pinto Cordeiro e Karolaine Barroso Tavares

Ilustração

Rosiane Tavares Ribeiro

Fotografia

Rosiane Tavares Ribeiro

Revisão

Jocilene Coimbra Pinto

Direito Autoral registrado na Câmara Brasileira do Livro – DA-2021-012978

Hash da Transação:

0x8c46c7051eb303da809c46507018001b003bdc0b56703af9d8f37a1

6307143eb Hash do Documento:

f10d12c57664087ab9ec17a729227e0b520b12faaxxf9833cd765b42f0e42701fd

Este livro foi editado segundo as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, vigente.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elaborado por Adriana R. C. de Sá, CRB 7 - 4049

-
- C794r Cordeiro, Solano Pinto,
1990-
O refúgio nas palavras / Solano Pinto Cordeiro, Karolaine Barroso
Tavares.
– 1 ed. – Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2021.
100 p. ; 21 cm
ISBN-978-65-5909-152-2
1. Poesia brasileira. I. Tavares, Karolaine Barroso, 1997-. II.
Ribeiro, Rosiane Tavares, 1999-. III. Título.

2980 26082021

CDD - B869.1

Impresso no Brasil

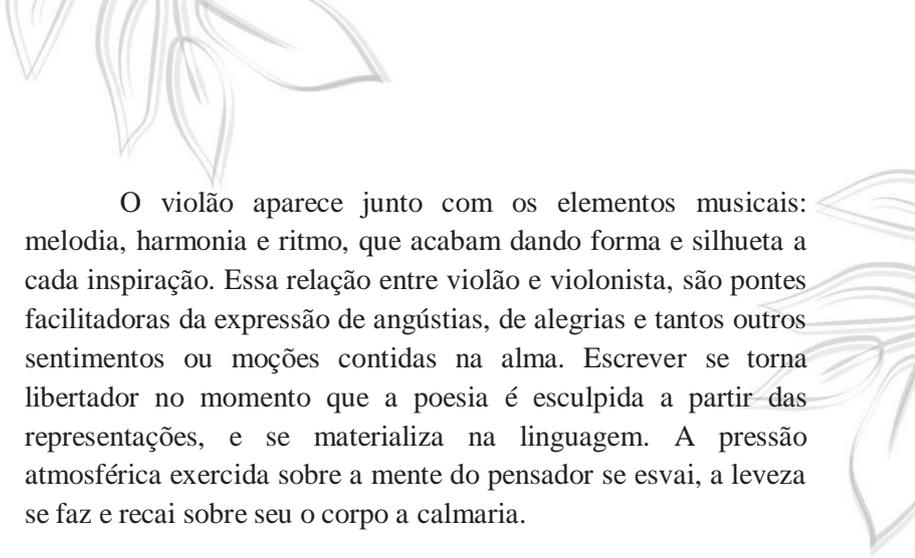
Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização do autor.

APRESENTAÇÃO

Os autores deste compilado de poemas são nobres poetas e pensadores manauaras, estes se utilizam dos ambientes que estão presentes nos contextos do imaginário que foi construído a partir de suas vivências e experiências. Não obstante, o imaginário aparece sendo materializado a partir das palavras, que por sua vez tomam formas, lugares, aromas, cores, texturas, sons, sabores, que ora são anacrônicos, temporais, atemporais, e dentre outros que compõem processos estruturantes dentro de suas historicidades. Uma mistura que dá margem para que o leitor adentre em espaços da ficção e da fantasia ou realidade.

Entre Fios de Queratina e o (Des) Amor, nomeia o Capítulo I da obra, que percorre o desenlace de um ser em constante mudança, apaixonado por fios de queratina e (des) amores, e que encontrou no ato de escrever poemas, o objeto libertador e suas monções. Movimentando-se em uma jornada em busca do amor, de sensações, de emoções e/ou sentimentos advindos do encontro e do desencontro com o outro, e seus efeitos, trazendo consigo significantes e significados, pois o contato com a paixão mesmo sendo muito subjetiva, é um processo que elicia inspirações advindas da ruptura ou da vinculação com as pessoas. Em outras palavras, o conteúdo paixão, desejo e amor são o tecido matricial de cada poema, bem como, também a influência do instrumento violão de sete cordas ou até mesmo da psicologia e da psicanálise como meio de comunicar-se com as histórias e com suas essências que se constroem, se desconstroem e se reconstroem mediante a cada realidade que se faz na falta e se configura no amante e seus devaneios.



O violão aparece junto com os elementos musicais: melodia, harmonia e ritmo, que acabam dando forma e silhueta a cada inspiração. Essa relação entre violão e violonista, são pontes facilitadoras da expressão de angústias, de alegrias e tantos outros sentimentos ou moções contidas na alma. Escrever se torna libertador no momento que a poesia é esculpida a partir das representações, e se materializa na linguagem. A pressão atmosférica exercida sobre a mente do pensador se esvai, a leveza se faz e recai sobre seu o corpo a calmaria.

Conversa de Dedos abre o Capítulo II de forma interessante, com poemas constituídos por dedos que teclam, duas pessoas indo ao encontro da arte interna, na tentativa de exteriorizar um universo de possibilidades que denotam a liberdade de escrever, no ensejo do cair da noite sobre corpos cansados pela lida de todos os dias. Conversas de texto do cotidiano que acabaram se transformando em poesias. É um compilado de poemas que pode suscitar no leitor reflexões sobre a vida, apreciação a respeito da simplicidade de momentos, interpretações próprias mediante a leitura e dentre outras possibilidades subjetivas ao contato individual de cada pessoa frente aos conteúdos aqui apresentados.

O que também se configura em um contexto caótico, onde a pandemia afastou presenças físicas, laços sociais, ceifou várias vidas, causando angústias desmedidas, e tantas outras ocorrências que nos sobreveio. Foi necessário recriar e/ou reinventar as relações, mas não somente isso, pois esse movimento também trouxe a perspectiva de se fazer presente de outras maneiras, ou utilizando variados meios, exercendo o poder do novo que engendrou o seu recaimento sobre nós, dando





possibilidades para que mesmo no meio deste vendaval, nós nos fizéssemos outro com o nascer do sol ou ao cair da noite, no prenúncio da lua e suas fases. Desta maneira, houve o (não) isolamento e a ressignificação do afastamento social, trazendo consigo a aproximação que os poemas podem gerar, e o quanto possuem um cunho curativo, é que mesmo em um caminho cheio de espinhos, a arte do encontro nos faz admirar as pétalas das flores ocultas em cada detalhe, tornando-as tecido singelo e aquecedor, mostrando que a arte salva, assim como nos salvou.

Conversa de dedos trata também sobre o acolhimento, e é com esse acolher que queremos que os desconhecidos terminem de ler este livro. Que percebam que amor é gratuito, que o contato físico é um detalhe, e que há sentimentos de cuidado sem o toque também. Nos poemas a seguir, há várias versões de nós dois, são sentimentos parecidos com os dos seres humanos, sensações que tínhamos medo de serem hackeados, por isso decidimos publicá-los.

Descobrimos que seria um erro, não tornarmos públicos estes poemas tão maravilhosos, talvez alguém esteja esperando os nossos poemas para entender suas próprias conversas ou organizar sua casinha branca interna. Sempre há uma reflexão, uma transformação, uma contribuição no que se é oferecido, pois assim pensam um psicólogo e uma bacharela em Serviço Social.



SUMÁRIO

I ENTRE FIOS DE QUERATINA E O (DES)

AMOR.....	6
Ampassã.....	7
Meu Castelo	8
Memórias	9
Simulacro do Amor.....	10
Uivando ao Luar	11
Para Além de mim	12
Colo de Rio.....	13
(Re) Pintura Uruá.....	14
Cinza Flor	15
Onírico Coração.....	16
Alfeti Gallice	17
Perfume.....	18
Um pouco para além de nós.....	19
Suspiro	20
Brisavida.....	21
Ter que, e não poder ser	22
No berço desta manhã.....	23
O Pequeno Ritual.....	24
Rainha do Nilo	25
Passarinheiro	26
Apreciação	27
Canção Melanina	28
Se foi com o vento.....	29
Por detrás da janela.....	30
Luna	31
Cantinho da mente.....	32
Minha Donzela.....	33
Deixar Fluir.....	34
Meu Xodó.....	35
Doce Presença	36

II COVERSA DE DEDOS.....37

Casinha Branca	38
Teclagem.....	39
Tulipa de Aries	40
Bolhas de Versos	41
Chore ao me ler.....	42
Arara Menina	43
Arvore do Caos	44
Clorofila de Letras.....	45
Meninos em Flor	46
O Sumidouro de Colibris.....	47
O mar de emoções e a falta	48
A Entrega de Rose	49
A caravela de lembranças e a tempestade	50
Sons dos (des) iludidos	51
O deserto e o Oasis.....	52
Alma nua.....	53
Jantar da Arte	54
Caixa Torácica.....	55
Poema desordenados.....	56
(Um X) No meio da praia.....	57
Sinfônicos Domingos.....	58
Vulnerável Poeta.....	59
Morada	60
Quando estou perto de mim.....	61
Estranhezas em Duo Universo	62



SOLANO P. CORDEIRO



ENTRE FIOS DE QUERATINA E O (DES) AMOR



Para Rosa Mirtes Araújo e Ronaldo Alves



(2021)



Ampassã

Como é difícil sentir como sinto
O ar me foi roubado de certo
Insano pensar que devo me conformar
Para minha alma acalmar,
Um estoico tenho que me tornar
A mundaneidade abandonar
De verdade expurgar
Um coração cansado de sofrer
Pela dor do entardecer

Porque estarei esperando,
E sempre te buscando,
Nas paredes e nos umbrais
Na penumbra meu cais
No divã sigo ampassã

Só estou cansado
Pois alguém me disse
Que só eu sei em labor,
O porquê dessa dor
Agora eu não era herói,
Me disse o doutor

Caracóis, caracóis, dos circulares
Fios da queratina
Me enfio por tuas díades menina
Dormir e acordar
Viver sem pudor
Nas entrelinhas do humor

Meu Castelo

Esse foi o dia que cheguei cansado e adormeci
Em meio a tantos sonhos eu te vi
Correndo entre as ruínas do meu coração
Por trás de pedras destroçadas, escondia-se,
Eu subia escadas inclinadas, pelo tempo rachadas.

Cheguei à torre mais alta
La estava você
Debruçada sobre a janela
Entre milhares de portais, até me perdi,
Mas era o mesmo caminho,
E me guiava a você

Vi-te por poucos minutos até desaparecer
Desmaterializei-me daquele mundo
Senti uma paz,
Mas recaiu o medo sobre mim
De não ver teu sorriso,
Que jamais esqueci

Despertei em você, prezo em vigília,
Nas dimensões irei te buscar,
trazê-la comigo quando eu acordar,
Fazê-la feliz e concretizar desejos,
Sem o medo de dormir
E não te encontrar

Quando a réstia tocar os lençóis
Meus olhos se abrirão
Apreciarei sua face, e
Em meu colo a porei
E junto ao alvor nos amaremos.

Memórias

Quando você se foi
Eu fiquei perdido neste lugar
Minha única motivação
Resumia-se em lutar para ficar perto de você

Os primeiros meses foram aterrorizantes
Queria ter ido embora
Com você naquele momento
Eu só respirava você
Meu único desejo era que
os dias voassem com o vento

Foi o que aconteceu,
A saudade somente aumentava
Chegou a hora de ir
Quando fui ao seu encontro,
Minha vontade era de chegar
O mais rápido possível

Quando cheguei até você
Foi como se eu voltasse a respirar
Como se o coração pudesse ser sentido bater
Eu não estava mais despersonalizado
Consegui sentir minha própria pele novamente

Toda vez que eu voltava para você
Eu vivia a realização de um sonho
E eu só queria continuar sonhando para realizar
Os dias doem, aspiro fundo pensando,
E fazendo reflexões.
Só queria respirar você novamente

Simulacro do amor

Dos simulacros ao amor, e eu um pensador
Na manhã de um domingo de dezembro
Fui libertado muitas vezes
Bem que me lembro
De uma enclausura que vinha vivendo

Antes via uma pedra e era pedra mesmo
O significante estava ali, mas eu estava a esmo
Nas representações eu havia me perdido,
Sem alógica e o sentido,
Meu objeto de amor havia sucumbido

Eu sabia que moebius me fazia companhia
Ele era atemporal,
Mas não me fazia nem mal e nem bem
Pois de moebius ao amor não havia me restado ninguém

Até que enfim você chegou
Com uma voz que me arrebatou
O significante se revelou
Um grande amor de mim engendrou
Das amarras da clausura fiz cordões,
Nas pedras vi monções,
Dos afetos e das representações

És meu desejo materializado
Meu grande outro em ti personificado
Meu amor retornou, de vigília ao sonhador

Uivando ao luar

Hoje o sol não apareceu,
Faz um silêncio nessa tarde fria,
O tempo parou ao meio dia
Só ouço a melodia
De meus pensamentos
São palavras que eu não sei dizer,
Quanta ironia!

É uma quinta justa em desafetos
Lágrimas disfarçadas por sorrisos de alegria,
Parece que entre nuvens
O céu encobre os raios de sol
Não os vejo, mas se os vejo, não me alcançam.

Logo a noite virá
E a lua minguante no céu aparecera à vista,
Estará a amostra à direita
A sombra nos nega seu lado esquerdo
E nos priva de vê-la
Anúnciação nova que trará a renovação do amanhecer,
O sol voltará e será levado pelo anoitecer.

Para além de Mim

A música em suma é perfeição
Deixa-me perto do divino esta canção
Em outros momentos dá prazer
Postergo a mundaneidade,
Abandono o plano material,
Para o gozo espiritual

Elevo-me em direção de outro mundo
O retorno às coisas mesmas escritas na alma
Às vezes penso que só eu sinto
Às vezes acho que o que sinto
Parece bobagem para os outros

Ora essa, é só música! É o que dizem..
É difícil explicar,
Sentimento bom
Um templo sagrado.

Sabe a música que tatuei em meu corpo?
Foi à primeira música que me tirou do mundo real,
Arrepiou-me da ponta dos pés aos cabelos.
É complicado de explicar, pois é coisa de sentir.
Algo que só se pode falar olhando nos olhos
O meu lugar, aquele que é secreta partícula.

Colo de Rio

Passeando em meio à floresta,
Uma praça entre bosques
E de repente parei para apreciar a paisagem,
E mais a frente tu estavas a olhar
Registrei em minha memória a escadaria de histórias

Procurei-te,
Caminhei a volta de uma árvore de raízes frondosas,
Galhos repletos de folhas verdes
Ali te encontrei
Senti algum tipo de energia
E tu deitavas sobre a clorofila,
Mãos que te seguravam sobre o firmamento

Em fotossíntese me expurguei
Quero planar sobre o vento
E lá estava a canção,
Acompanhada de um violão, em uma canoa
Melodia mais linda
Apreciei o canto deste sopro de vida

No ar um sentimento arrebatador
Balança os galhos da grande mãe do mato
Um beijo surgiu
Ao som do vento nas folhagens deste rio
Despertei ao seu lado,
Com véu da noite sobre meu rosto
Conectaste-me com o mundo verde
Pois o tempo parou em teu colo de rio.

(Re) Pintura Uruá

No céu azul o dourado se faz
Nas nuvens há bordados de fios de ouro,
São momentos de apreciar as gravuras,
As formas mais belas reluzem no ar
O horizonte banhado por todas as cores

Uma tela adumbrada por olhos castanhos
O reflexo de todos os tons desvelados em seu caminho
Das folhas do tempo nasceste outra vez
Pois o enigma da luz tocou a terra
De onde brotaste jaz Uruá-Tapera

És o tino do coração de povos,
Matas, rios e igarapés...
Minha menina dos minérios,
Riquezas de castanhas e pele de cacau
Produção em construção da mais pura beleza,
Uma constituição de sentidos

Em teus cachos prolifera o perfume,
O cheiro suave e cálido da essência de um existir
Permeado por teu talento
De volta ao meu estado infantil,
Essa primavera é a tua estação
És austral do hemisfério sul
O polissêmico desabrochar do pôr do sol...

Cinza Flor

O sol de abril
E abriu a manhã,
As sombras das árvores como canção
Daquela janela saíram notas entoadas pelo vento

Parece frio passou
Já quero me projetar nesta tela
Uma figura de Palmeiras,
E tecer minha esteira de vime,
pois se aproxima um brio de calor
Meu abrigo no inverno
Enfim chegou

Queimei ao fogo o meu pedido
Até cinzas tornar
Aquele ódio descontente
Em brasas tornou-se pó
Minhas unhas, fumaça
Flores cinza em berço de brisas,
Desfiz o pacto com aquela que gira
Na falange dos dedos.

Pois não lhe dei cidra, nem licor ou anis,
as lhe dei um sabor
Mais puro que o mel
O vinho curtido em tonéis de um coração ferido
Pelo desamor, e com um sopro me despedi
Decidi deixar as flores crescerem
Às margens desse rio de luto
Deixei meus molambos para trás
Renasci como um rei

Onírico Coração

Uma tarde ensolarada
Muitas letras e canções
Por trás da tela um repertório
Novas construções
Perdido em melodias
Esperando uma batida à minha porta

Brilhante ao sol surgiu
O tempo parou em seus cabelos
Lindos fios refletindo o dourado
Absorvido pela escuridão
Paradigma do coração quebrou
Veículo do conteúdo ausente se tornou

O relógio me desgraçou
Contou-me as horas de partir
Você se foi e eu fiquei
No devir dos devaneios

Foi então que percebi
Você estava ali
Deu-me um beijo e eu sorri
Amanheceu e despertei
Foi o melhor dos sonhos que já sonhei.

Halfeti Gallice

Rosa negra banhada em púrpura cor,
Em seu dorso se debruçam pétalas
Do carmesim és divindade
Para ti o fortuito não o é

Mas sim o ser para com o mundo
Afrodite te tocou com o amor
E a graciosa beleza de ti brotou
Eros se feriu com sua flecha dourada
Pois és tu psique das rosáceas

Da primavera ao outono és absoluta
Roubada do Eufrates foste Halfeti
És o fascínio do tempo
Transcendente aos olhos humanos
Viste para além do que és,
Os homens se volveram pó

Esplendorosa em luz sucumbiu os séculos
Gallice do campo, híbrida alma do intelecto.
Pois nada há na mente de quem a viu,
Imagem marcada em traços de perfume,
Em romance concebido

Obra preciosa de olhar
Alucinação dos desejos reprimidos
Enlouquecedora de corpos e espíritos
És tudo e de tudo és um,
Halfeti ou Gallice de exacerbada pigmentação
Em ti está o vermelho em tons
De vários amores és personificação.

Perfume

Só posso sua presença desejar
Minha inestimável joia preciosa,
Pois quando olho para o alto a vejo no véu da noite
E na penumbra, nestas quatro paredes,
Recordo de como és
Seus cabelos descansam sobre o meu rosto

Já não quero estar só neste lugar
Retrato de um louco amor
Revelaste para mim suas mil faces
A cada simulacro me trazes um novo relicário

Irei apegar-me a este manto,
Veículo de teu perfume meu carbono diamante
Sorrímos as cores do arco-íris
Ao toque de carícias e segredos,
Contados às trocas de um livre falar sobre o que é a vida

Este louco amor sobrepuja minha existência
Adormecerei com tua imagem
Em minha mente
Como o sonho desta manhã irá buscá-la
A frente da janela azul.

Um pouco para além de nós

Os vendavais vieram até mim
Em forma de pétalas
Esculpidas pela melanina
Desta negra flor, Ó Gaia
Geradora de potencialidades e criações

Deixaste transpassar da terra ao meu coração
Esta plenitude uma inspiração
Fecunda de desejos e paixão
E das setenta e duas horas só peço mais

Esta ninfa me trouxe a noeses
Meu pensar, uma reflexão a me cercar
Encontro-me naquele mundo meu e seu
Já não quero deixar-te minha flor

A nostalgia me acometeu
Dionísio me embriagou
Eros enfim me avistou como escopo
Sua flecha me cindiu a alma
Vi-me a teu lado, minha mais perfeita calma.

O gozo no mundo recaiu sobre nós
Dos campos Elísios ao Tártaro
Vislumbramos o inferior e o paraíso
Fomos para a morte e ressurgimos em lençóis
O prazer esculpido por ofegantes corpos nus
A ânsia de sermos humanos.

Suspiro

Eu pensei tanto em você
Esta manhã reuni as memórias mais belas
Pareço um garoto, e para seus recantos quero retornar
Todos os dias sinto este desejo

Seu perfume me faz repousar
Às vezes me falta o ar, mas você me faz retomar o fôlego
Volto a respirar cuidados em ti
Não existe mais um vazio,
Um sentimento tomou conta de meu ser

Quero ficar encoberto por tuas asas
Sua pele brilha sobre mim
Tornei-me um reflexo de teu reluzente sol
Meu anjo querubim

Não é um fogo, nem um incêndio
Nesta menorah pus azeite para queimar especiarias
Do oriente do mundo busquei cada essência
Para que você exalasse sobre mim

Já estou impregnado
Não há um dia se quer que eu não te queira
Pois querer-te é egoísmo
Mas compartilhar tudo de mim em você
E tudo de você em mim, é altruísmo

Um pouco deste momento
Em poucas palavras verbalizo
Admiro o seu tino
És o meu ser celeste
Meu precioso cristal, em ti me encontro
Com um beijo da escuridão turmalina.

Brisavida

Quando escrevo uma canção
Penso em melodias,
palavras e harmonias
Olho para cores e paisagens
Sinto o vento

Assim também foi aquele dia
Como se eu estivesse compondo
Um arranjo novo
Pensando melhor,
Talvez fosse de fato o tão temido desconhecido!

Foi quando eu sorri
Falei em voz alta, sem ao menos me dar conta...
Perdi a compostura
E te olhei
Naquele dia o mundo girou
Em sentido anti-horário

Alucinei sem canabinol
Gargalhei sem motivo algum
Entrei em colapso total
Mas isso foi somente um pouco
Do que passou

Diante de tudo isso
Existe agora a convivência de
Duas mentes antagônicas
De dois loucos ainda sem o tal do canabinol

Ter que, e não poder ser

Interessante é que se permitir a algo,
Às vezes é não se poder ser ao menos você mesmo.
Ter que se restringir a sua vontade;
Ter que respeitar o seu espaço,
mesmo que eu não possa ao menos tocá-la
A minha própria maneira.

Ter que só olhá-la e desejá-la,
Ao ponto de querê-la ou possuí-la naquele momento.
Ter que suportá-la dizer: (...) que pare o show
(...) mesmo não tendo espetáculo algum ocorrendo.

Ter que se controlar,
Manejar ou mediar emoções,
E demonstrações de afeto,
Mesmo querendo evidenciá-los naquela hora.

Ter que sempre tentar entendê-la
Mesmo que não seja essa uma obrigação pessoal;
Ter que ficar na dúvida,
E na angústia, sucumbir ao silêncio
Ter que esperar o som de alguém sem língua,
No anseio de poder ouvir palavras afetuosas.

No berço desta manhã

No berço desta manhã
Fria manhã, o final de setembro;
Mesmo que ainda não haja sol
Acordo com você
Já não é difícil acompanhar-te
Vê-la sair por aquela porta,
E o que me faz refletir

No berço desta manhã,
Só posso olhá-la e desejá-la,
Ao ponto de querê-la naquele momento,
E mesmo não a tendo,
Sem espetáculo algum ocorrendo
Esse show não deve parar

No berço desta manhã,
Não tenho dúvidas a respeito de nós dois
Ou sobre o que sinto,
Mas na angústia, sucumbo a um silêncio
Que grita sozinho debaixo de um viaduto.

No berço desta e de todas as manhãs,
Aprendi a te amar
Mesmo ao ver sua partida
Sua chegada sempre me traz paz,
Em sua ausência a saudade é companhia

No berço desta e de todas as manhãs,
A paixão recai sobre mim,
E, "as borboletas povoaram meu ventre",
Olhos calados querem dizer-lhe:
Que pelo falar das horas
A meia luz, eu a amo.

O Pequeno Ritual

Não consigo dormir
Fico em um desassossego
Sinto a falta daquele carinho
São pequenos afagos
Seus braços pela metade de minha cintura,
seus beijos em minhas costas, com tanta ternura

Nossas pernas se entrelaçam
O calor se sobrepõe ao frio
A cada minuto que passa
Ficamos mais aquecidos
Balançando de um lado para o outro,
Embalamos o nosso sono

Seu cabelo exalando o doce aroma
De mel, sua pele macia como a lã
Fazem-me aos poucos adormecer
Sinto que vou perdendo os sentidos
Até entrar no mundo do limbo

Nosso pequeno ritual, antes de dormir,
Configurando todos os afetos
E toda a ternura de estar trocando com você
A equivalência é nada menos
Que o gozo oferece quando anoitece,
Pois sinto falta de ti,
E de nosso pequeno ritual antes de dormir.

Rainha do Nilo

Esse conto desabrocha de meu interior,
Você quebrou as muralhas que cobriam meu exterior
Sua presença me endoideceu,
Inundou-me de euforia

Quando me lembro, é que você.
Apenas flutuava por sobre as pedras,
Teu modo de conduzir
O andar do tempo,
Rompeu com a realidade daquele momento

O que eu posso dizer de você,
Minha pequena Anuket?
Você é a Rainha de todo o meu Nilo
Que corre por minhas veias,
Do renascer deste pequeno rio,
Através de seu corpo jorra a água da vida

Que joguem moedas,
Joias e todas as riquezas,
Enaltecida seja,
E agraciada seja sua mística bondade
Os mortais tocam suas vestes sagradas,
Pois és divindade de profundos sentimentos.

Passarinheiro

Quando te vejo passeando
Em minha frente
Com seu andar flutuando levemente
Quero tudo que há de bom
Quero vê-la

Ao meu lado por mais que seja por um instante,
meu amor me dê um abraço,
não importa seja forte,
ou seja, breve, de carinho de afeto
Meu bichinho
Meu bichinho
Vem que eu te dou meu afago
Meu ser todinho
Vem, vem deixar comigo
Nos meus braços
Seus abraços

Não vá embora passarinho
Fique mais um pouco
Abençoe-me com seu canto
E seu olhar nervoso
O seu ninho é aqui,
Não fuja mais de mim
O seu ninho meu bichinho
Tão sorrateiro e meiguinho

Eu quero ter o teu cheiro
Vem me dizer
Eu quero dar meu coração a você,
meu denguinho
Vem, vem logo
Vem, vem logo
Não demore a chegar
Vem, vem logo
Vem, vem logo
Não demore a chegar
Em meu coração

Lara ie lara ie laiaa

Apreciação

Quero apenas contemplá-la
Senti-la perto de mim
Já chorei mil cachoeiras
Amá-la é tão bom
Estou (des) construindo
De modo que faço e desfaço
Cada momento se faz discrepante

O pequeno pedaço de terra
Que deixa firme os pés nesse caminho,
Trilhas que levam ao desconhecido
E mais uma vez te vi fluida
Por entre suas várias maneiras de ser,
Fui e continuo embrenhado na floresta densa que é o teu eu
Pérolas negras teceram teus cabelos, fio a fio você ressurgiu
Tão esplendorosa quanto a aurora

À beira do rio
E a natureza se debruçam para apreciá-la
Todas as cores estão contidas em ti,
Até o dia mais claro ou a noite mais escura,
Emolduram você
Uma pintura que Michelangelo
Faria na capela Sistina
A criação imersa sob tua pele
O renascimento em seu respirar

Esse amor não é somente o olhar para o outro,
Talvez também seja admirar o horizonte em uma mesma direção,
No entanto, os significados que você dá a ele
Também podem estar com todos os passarinhos
Que voaram do galho que nasce em seu ombro
Você literalmente sabe o que o sol faz com as flores,
Mas o que você faz com o sol, somente ele o sabe
Difícil de ler somente se tu quiseres
Você é de Júpiter, e às vezes daqui.
No entanto, és regente de tua própria vontade,
A de viver.

Canção Melanina

Neste dia quero ressaltar
Sua singularidade atonal e,
Desviante de tudo, e muitas vezes,
Do centro para fora da curva,
Você é como um ímã de duas polaridades,
Que atrai e repele,
Sem perder a postura.
Governanta de seus sete véus
Teu olhar imponente,
Sua presença e sua imagem,
Desfalece a existência e,
Distorce realidades
Com sua beleza canta e encanta
Destoando a frequência corporal
De quem mantém contato visual.
Espírito livre é o que gosta de ser
Aventureira, sem medo de se perder,
O novo é seu mais nobre companheiro de viagem
Sua alma é difícil de ler
A sombra o tempo que aprisiona,
Mas ela desata os nós,
Com seu andar libertador
O tempo adormece quase tudo
Mas você desperta até os que dormem
O sono eterno de sentimentos esquecidos
Você é aquela mulher
Que deve ser conquistada todos os dias
És como Calypso,
Que por si só quebra as amarras de sua forma humana,
E se renova das cinzas
Pois em suma, és comparada a "Mawú",
Aparecida da noite para mostrar indulgência
E harmonia, dispersando sua essência
Anunciando a luz do dia
E assim tua canção foi cantada
Para anunciar a ti própria
E a tua chegada, pois, tua visita,
Só por ti pode ser encerrada.

Se foi com o vento

Se foi com o vento
Passou por mim
Conhecimento deixou?
Sabe-se lá, o quê!
Eu passei, e ajudei
Movimentei-me
Criei estórias
Dores? (Risos)
Creio apenas na construção!
Aquela, de um sentimento bom.

Só vejo o que me tornei
O mesmo?
Nunca seremos de fato!
Era o que eu queria ser?
Claro que não!
Mas essa é a minha versão
Quem sabe, a melhor até então

Vi-me e gostei
O reflexo de sonhos e objetivos
Ali, bem a minha frente
espelhos, me agradam os brilhantes
Ficam meus sentimentos ao eu
O de outra, que venha o de amanhã
Eu usarei o que quiser

Sakura, naquele balanço
Nós dois, uma bicicleta
encostada na árvore
Ou um homem pensando na vida
E o vento levou as minhas sementes,
pois todas já frutificaram com o sol.

Por detrás da Janela

Vi no céu um clarão
São coisas simples pensei
Uma brisa de verão
Em meu rosto senti
Parece que os fleches da noite
Estão sobre os astros
O azul sumiu
As nuvens amarelas
fizeram paredes e o cobriram
Mas pequenas portas se abriram
Creio que ocorria uma festa bem ali
Alguns milhares de quilômetros
Mostraram-me os pequenos gigantes

A madrugada esconde muitos segredos
De imagens, sons e ruídos
Ah! Como pode,
Uma goiabeira apreciar os sopros
Do bafejar de alguém?
Pois bem, esta é amiga do silenciar dos grilos
Que limpam a atmosfera
Lá vão as caravelas brancas
Terra à vista! Às vezes são pequenos arquipélagos,
E outras vezes grandes continentes,
A única diferença
É que todos eles são fumacentos vapores
Observados em uma noite sem estrelas
Por um olhar calado que já viu muitas coisas
Na penumbra valorizo aquele momento
Iluminado pelo manto lunar
Despi-me do mundo para vestir-me
Com está ceda de prata
Pois agora pude ver a imensidão
Um horizonte tão largo e sem fim
Que sempre trará o novo,
Faço então o meu pedido:
Que recaia sobre este ser
E o faça outro ao nascer do sol.

Luna

Essa miragem que vejo
Matizando o crepúsculo
No anoitecer a lua roxa
Um sussurro aos ouvidos
Sorraste em aura
Da ribalta magistral
Atriz da suprema elucidação

Brilhante em luz sua atuação
Dos olhos caíram escamas
Na pele cindistes chamas
Vislumbrei seu deslumbrante ar
Esta morfina a me sedar

Pois do fim és tu o começo
E do começo és fim
Faz-me menino em ti
Nascestes de renovo um querubim
Estás na água refletida
Me banhar te com teu cosmo
Minha vida, meu desejo é tua ascensão

Pois só posso te admirar
E tua presença desejar
Ao teu lado permanecerei
Mesmo que sua materialidade,
Esteja lá no alto, a ti voltarei
Com um sopro,
Pois serei pela manhã teu serenar,
Platônicos já não seremos
Pois lado a lado vicissitudes formaremos.

Cantinho da Mente

Aquela lua, minha lua rosa e de todas as nuances, se mostrou no céu estrelado de meus sonhos, no mundo do limbo me prendi, somente para ouvi-la dizer:

Você me adora, mas literalmente acabou de ir embora! É, já era hora de despertar em outra realidade, uma realidade em vigília.

Quando assim no momento de ir para este despertar, eu lhe disse: Literalmente, porém existe a fantasia, pois no mundo das metáforas nós nunca vamos embora, pois sempre estaremos lá, naquele lugar que é simbólico, um cantinho em nossas mentes.

Meu desejo é de sempre mais um pouco ficar

Às vezes nem quero despertar

E quando chega a noite, já quero voltar aquele lugar

Quando ali chego, olho para o firmamento

Este me leva para perto do teu consolo

Acalantando meu corpo nu com seu serenar

Sempre que estou com você, digo para o sol:

Não me leve com o amanhecer!

A noite é o meu portal até você

Lua da minha vida, meu encanto, minha eterna magia, és meu momento de alegria mais intenso.

Minha existência sem você é descontentamento.

Quando em fim o dia se faz, já quero que o sol se vá no horizonte.

Peço que venha ao entardecer, que este me traga você na carruagem da noite.

Meu deleite, minha musa, um perceber que subjaz de tudo que sinto até o devir de um percebido ao pragmático.

Assim és para mim, lua vizir colorida em meu existir, do primeiro dia até aquele que determinará minha finitude.

Olharei para o alto mais uma vez, esperando que o teu serenar me arrebate e me leve nas

nuvens, pois é ali que quero estar

Continuarei ansiando pelo anoitecer

Até que meus olhos se fechem para nunca mais despertar, e para sempre em nosso cantinho,

aquele simbólico ao seu lado ficar.

Minha donzela

Na flor da noite
por entre as vielas
Nós labirintos do multiverso
Estive caminhando a procura de algo
Ou alguém que eu nunca havia visto ou conhecido,
No entanto sabia que encontraria,
Mesmo não identificando os lugares
Foi quando uma anciã me guiou,
E mostrou-me uma direção
Uma trilha que me levou
A saída do labirinto, e a encontrei
Notaste-me atraente aos teus olhos,
Sua beleza "diferente" a torna impar a qualquer numeral
Fisgou-me e me puxou, levando-me para perto de ti.
Retirou de meu corpo cada peça de uma armadura
Que me fazia crer estar protegido, mas que só me causava exaustão
Quando enfim meu Elmo você sacou de minha cabeça,
Pude respirar e sentir a brisa tocar-me
E a reciprocidade se fez no instante em que tudo parecia estar inerte,
Menos nós e aquele calor.
E eu exaurido por tantas batalhas travadas, pedi a permissão
Para beijá-la até que minha sede fosse saciada por seus dotes
E como uma dádiva, concedeu-me a graça
Vamos fluir, e eu como que um amante,
Estarei ao seu lado
Minha donzela
Seja qual for a gênese desse encontro,
Em poucos minutos com você,
Senti o desejo de fazê-la minha mais bela canção
Pois você é a mulher descrita nas entrelinhas deste poema
Você me concederá novamente sua graça
Serei seu fiel seguidor esperando ansiosamente para deleitar-me
Ouvindo sua doce voz
Minha preciosa donzela
Pois este é apenas o começo de um conto de amor

Deixar Fluir

No céu as caravelas brancas
Ao entardecer uma pintura
Abre-se ao pôr do sol
Os portais do universo
Debruçam sobre luzes
E cores amareladas
Com um tom de azul
O anoitecer se aproxima
Emana de meu violão em sons
E em pensamentos de uma composição
Que expressa meus mais viscerais sentimentos
Pois contemplo e aprecio
Esse nosso movimento natural
Com a janela aberta sinto
O frio que sussurrando aos meus ouvidos,
Diz que preciso de seu calor corporal
Sua alma queima como o magma
Um cataclísmico ser que pode
Enternecer meu organismo de terra
Junto a esse estado mental
Fico perplexo com tal fluidez
A cada instante o deixar fluir é,
Um fator precipitante de aproximação
Acometeu-me de um vir a ser em ti
O que os astros disseram se faz jus
Pois ascendi em leão e em libra
Encontrei-me menino sonhando
Em celulose descrevendo e querendo manar
Pelo mar de todas as energias estelares
Nesse fim de tarde as conjecturas fazem-me esperar
Pelo luar e os “Áries” de uma noite iluminada
Por um coração em ritmo e harmonia
De um amante apaixonando-se
Pela simplicidade de cada minuto
E hora que respira você,
Você em seu pensar para assim deixar fluir.

Meu Xodó

Entre círculos e terras
O caminho para ti
A sapiosexualidade
Se remonta sobre mim
Vem com seu discurso
Me falar de assuntos intelectuais
Maneja argumento em tudo e
Diz que o imaginário aqui se faz
Teu beijo é resposta
Sou teu homem ninguém tira
De minha massa cinzenta
Quero que sejas minha, neguinha
E nesse dia aconteceu
Que um abalo sísmico me ocorreu
Meu corpo todo estremeceu
Com o abraço que ocê me deu
O meu ser está vibrando
Até 50 decibéis
Tuas frequências mais acima
Desmontam-me e endoidecem
Com retórica inteligente
Faz meu clinamen gritar
Do tanto que te quero
E quero mesmo para danar
Seu desejo neguinha
Penso e vou realizar
Estar sentado no sofá
Com teus irmãos e prosear
Menina bela e intensa
Quebrou minha pedra angular
Foi preciso apenas um dia
Para me arrebatat
Vem com seu discurso
Falar-me de assuntos intelectuais
Maneja argumento em tudo e
Diz que o imaginário aqui me faz
Querer casar contigo
Debaixo dos carnaubais.

Doce presença

Amanheceu e sol raiou
No alto da minha cabeça
Os gatos sobre telhados
Da vizinhança, pombos em
Bandos para se aquecer
Nas árvores Araras e periquitos
Pousam para comer.
Da sacada deste cortiço
Olho para longe e vejo
Que o grandioso estava ali
O tempo todo.
Com a ânsia de um rio que deseje
Que o clarão da lua toque seus espelhos d'água...
Serei eu iluminado por tua doce presença...
Nesse proscênio seremos "*mar e sol*".
Diluindo-nos um no outro,
Nas realidades de nossos cordéis encantados,
Como águas jamais mapeadas, ou navegadas
Tudo se faz novo, de longe avisto um vermelho clarão
Que desaparece com o firmar da noite no horizonte
No fim do mundo,
O ser do outro lado do rio
Assume a forma carnal
Nascido da pedra de Baco
Banhado na alma dos vinhais
Minha alucinação visual
Uma expressão facial surgiu
Com o que nasce no canto da boca
Pois já consigo ver graça
E cores onde o cinza era o rei.
Do alto de cada memória construída,
Vejo você materializada em meus momentos de alegria,
Minha ilusão de eternizar
E parar o tempo em cada pensamento
Que contenha suas essências.
Um espaço tocado pelo desejo de viver
nos encantadores ambientes de nossos labirintos mentais,
onde tudo está em um lugar, em lugar nenhum. O nosso imaginário...

KAROLAINE B. TAVARES
SOLANO P. CORDEIRO

CONVERSA DE DEDOS

Para Lua e Sol

(2021)

Casinha branca

Uma casinha branca com varanda de versos
Em obras pelos bosques, andando
E ornamentando no meio dos açazais
Água por debaixo do assoalho,
Chão dos campos Elísios de narcisos

Sou teu sol, luar da noite mais escura,
Sou teu céu fazer brilhar de estrelas cintilantes
Uma casinha branca com teto de poemas,
Varanda recitada está pronta para nossa paz

Fiz minha morada toda de afeto,
Vejo expresso no amanhã de calma-ria
Quando renasce a luz dia
Vem nosso pedido em obras literárias,
Cantiga popular na sala de meu violão, vem dançar

Teclagem

Minha delicadeza às vezes possui os meus dedos
Em forma de linguagem concretizam caricias,
Acolhem alma cansada da lida
(Re) nascimento, afastamento de algozes
Com cada toque sutil por trás da tela

O imaginário molda as palavras
Há suavidade nos opositores polegares
Essência da reciprocidade
Sensação nos olhos da alma
Nas palavras escritas

Por isso existo no meio desse caos
Pequenas partículas de afeto sentidas
A *"teclagem não é vã"*,
É uma explicação de arte, saudade, amor e poemas

Troca, a falta do que há dentro de si próprio e se projeta no outro
O frontispício, desejos, recalque, repetições expressas e *"arteadas"*
Caminho que é distinto, mas leva ao infinito visceral
É natural, só estamos sendo nós mesmos

Poços de reflexões e grandes momentos poéticos
Encontro de dois mundos uma pequena galáxia de pensamentos
Os eternos, por isso viveremos até 105 anos
Com ar nos pulmões e corpos livres da maldição viral

Precisamos de mais poemas, algum caos
É natureza sem extinção da arte
Das conexões da tristeza com alegria, sem perdas em massa
A (des) ordem que nos inunda e nos paralisa em pulsões
Aura de quem vai ao outro lado na beira do mundo
Toca a cascata no ventre de nossas emoções infantis.

Tulipa de Aries

Sou uma flor de mil tonalidades
Tenho sérios poemas mentais
Um sorriso lindo de tão desalinhado
E vários espinhos por causa de Aries

Minhas raízes são de fibra, Frida e coragem.
Cursei a faculdade para acentuar os meus versos
Confesso que sinto saudades, mas não me entrego
Da Solidão só percebo que para mim basto eu mesmo.

Cada cor de minhas pétalas representa um sentimento
Sinto o amor ferver quando estou vermelha
O dourado reflete a luz das minhas incertezas
Penso no verde quando desejo um melhor governo

Tenho dúvidas sobre as minhas sementes
Mas adoro vê-las nascendo em cantos diferentes
Sinto que todas são azuis, cor da loucura consciente
E que suas raízes sejam resistências, tipo presente!

Sou flor com vontade de ser árvore
Fazer amizades com folhas centenárias
Só quero chorar quando a chuva cair
Alcançar horizontes com os meus galhos pintados

Que o meu pólen se confunda com a minha fé
Que minha vida não seja violada quando a fotossíntese acontecer
Respeitando minhas raízes preciso de uma Amazônia para crescer
Cá estou eu sendo flor, mas acima de tudo sendo mulher.

Bolhas de Versos

Há bolhas de versos na minha caixa torácica
Não sei por que não estouram
A poesia fugiu dos pulmões
Tenho o eu lírico, mas não o encontro
Pois se perdeu na minha massa cinzenta
Ou flui nas veias vermelhas chamadas solidão
Olhe para fora de si...
Nossos dedos proferem palavras vibrantes
Que nos conectam a este ambiente tão particular
Suas bordas corporais se balançaram
E as fendas sinápticas se rompem às 21h30min de puro gozar
Dentro é fora, e fora é dentro
As bolhas de versos ao avesso
Estouraram nas dobras de sua epiderme
E essa conversa nos dá potência de agir

Chore ao me ler

Online

Adoro sua gentileza ao descrever o dia

Algumas folhas são extintas, ortografia esquecida.

Os erros são apenas erosões na beira da estrada

Tudo bem, relaxa, sinta-se um caracol

Inunde-se de emoção e chore ao me ler
Deixe suas armas de lado, você é alma

É natureza ao ser tocado, dói ao ser cortado

A poesia e suas mil faces, mil palavras riscadas
É uma dor que escreve ou uma ternura que choca?

A natureza te fascina, me estranha e nos coloca
Às vezes cai pétalas dos olhos para nascerem
poemas nos pés

Sentimentos parecidos com os nossos?
Metáforas, lápis de língua, reflexões rigorosas,
Sem encaixe perfeito dos dedos, sem medo

Mas desejo saudade ao terminar uma conversa
O Sol, uma deusa e uma tecnologia que nos
completa...

Arara menina

Voa arara menina que gosta de brincar
Bata suas asas de cores primárias
Admire a fauna e a flora até suar
Feche os olhos e voe sobre o nordeste mar

Voa arara menina que gosta de sonhar
Sua imaginação é o caminho, a chave
Não esqueça as miçangas cirandadas
cor de Madeira chamada colar

Voa arara menina que gosta de dançar
Pule de alegria se não souber sapatear
Faça de seu pai o melhor par
Sorria para plateia de cachos alaranjados, ela vai gostar

Voa arara menina que gosta de cantar
Cante ou conte as penas de suas asas
Imite o som das araras azuis ou avermelhadas
Fale alto sobre Frida Kahlo para todos "escutar"

Voa arara menina de alma Olivia
Que não "falem" no céu nuvens de poesias
Pinte, desenhe, escreva versos de uma palavra só
Suas as asas combinam com o seu jeito doce de dizer bom dia.

*Para Olivia em forma de gratidão a sua Mamãe Munique Therense
Por ter contribuído com esse livro maravilhoso.*

A Árvore do Caos

Perfeito feito o caos que ignoramos
Feito toda a desordem que nos exprime
Em almas, em versos de calma,
Pois descansar falando de poesia, é devir,
Concordo com o sorriso no rosto
E peito tremendo de tristeza
Choro poemas pelos olhos
Para regar os versos sementes dos dedos
Tristeza que faz o angustiado exprimir delirantes
E retorcidos cacos de um vaso que caiu ao chão,
Rachou pelos lados com cada lágrima chorada
O mar salgado que saiu em cada pestanejar,
Rompeu o barro e foi para o solo saciar a sede de seus brotinhos.
Logo frondosas árvores cindiram o solo
E tocaram o céu de nossa fantasia
Os dedos em folhas de alegria,
Os frutos de sabor de nostalgia
E a sombra de rubor no rosto de uma poetisa.
E agora o vento revela o seu rosto
O gosto de ver as folhas dançantes mesmo com a dor existente
Árvore que dá frutos, dá poemas

Clorofila de Letras

A menina flor com espinhos nas costas
Se encosta para admirar o imaginário
Sente saudade, sente resiliência
Risca o barro com os dedos
E do céu se vê versos complexos, histórias e lendas
E no fim do dia, às 6 horas, chora para regar palavras
Sonhar com uma floresta literária
Com a seiva escoando
Suor por entre galhos e
Folhas secas do outono
Embotada cor pelo trocar das estações
De leste a oeste as raízes correm
A busca da nutrição para alimentar
Um músculo que não para de pulsar,
Andamento segue por cada veia,
Por cada casca que cai
E que volta para nós em forma do novo

Meninos em Flor

Os contratempos da vida,
Aqueles que arrancam as raízes e ramos,
Aqueles que maltratam meu psiquismo de um carvalho só
Fizeram-me subir e descer escadas que se movimentam para lados
bifurcados

Um novo sol com raios de esperanças...
Um novo Rio para matar a ânsia
Um novo céu para cobrir minha casa
Renovações que alcançam da dor a felicidade
Comida que sustenta a alma

A menina flor cor de salmão
Com excitação pela arte
Saudade de ler Drummond de Andrade.
Com cem anos de diferença de idade
Sinto à vontade daquele poema chamado felicidade

Meu pisco dolorido ainda acordo cedo
Para ver o pássaro orvalhado
Que leva poesia para o oposto

Menino flor sua semente em mim plantou
Na penumbra olhando para pensamentos,
Quero abraçar seus dedos,
Pois são como o aroma de Egeu.
Em partículas banha as bordaduras,
Dos lençóis prateados do céu que arde em "*febrero*"

O sumidouro de colibris

Esquecemos de contar as estrelas
Aqueles contidas na formação da retina,
Em vez disso, fomos absorvidos pelos buracos negros
O de nossas pupilas, crescendo a cada variação à luz

A espera por cada "carta magistral", que escrevemos um para o outro
Meus colibris, um a um beberam de cada flor,
Doce flor que saia do meio de teu ventre

Eu menino agora, imaturo e infantil.
Faço-me e desfaço quando em você me acho perdido,
Um perverso do profundo
Pairando sobre esse serenar
Que quebra as quilhas de nossos navios

De argumentos poéticos entre fogo e gelo
Não somos nada, mas ao mesmo tempo parte de algo grandioso
De qualquer forma somos sol
E concomitante somos essa conversa,
Somos o que vai ao sumidouro do lindo lago que corre nos dedos

O mar de emoções e a falta

Online

Quando chega a noite,
E você vem como um vendaval
No meio do mar,
Quebrando as ondas mais baixas

E empurrando-me para longe dos bancos de areia
O que me fazia parecer à deriva
Na imensidão do horizonte,

Só me faz querer ir mais para o meio
Do olho do furacão que é você...

Chamas-me de furacão
Porque não conhece minha tempestade mental.
O vento que sente mando a lua entregar,
Pois é a minha paz em movimento

Contento, tenho velocidade nos versos,
Petricor na alma levo tudo com o vento,
Mas no final do dia não tenho nada,

Afinal tudo cai depois que despenco,
Fico pequena, um furacão amável

Então sinta o meu vento, não olhe para trás,
O banco de areia não existe mais

A entrega de Rose

Entregar a essência
Seja de palavras em versos
Ou de poemas dispersos
Para alguém com sensibilidade
Que capta os pequenos detalhes
Ocultos as vezes até para nós
Escultores de obras de arte
Os traçados são percebidos,
Por uma alma serena.

Ela por sua vez materializou
A capa de nosso coração
Trouxe à tona a imensidão
Em folhas, em galhos,
Ou em títulos encurvados

A lua me disse: ela buscava,
Compreender o caos dos Poemas
Desordenados e das estranhezas,
Deixou sua Alma nua receber
O manto de prata que no luzeiro
Das águas do mar a guiaram
Por entre nossas ondas de pensamentos agitados

Por vezes foi digladiar com as estrelas,
Mas ouviu o sol e a lua,
E fez as pazes com o infinito firmamento
Que a ela o ver(de) tocou os olhos,
E desvelou o segredo entre as linhas,
Pois precisou perder-se para encontrar-se,
No refúgio das palavras

Para Rosiane Tavares Ribeiro, como forma de mostrar gratidão a sua delicadeza e sensibilidade, ao materializar a capa deste livro.

A Caravela de lembranças e a Tempestade

Eu como teu assaz,
Enfio-me em voluptuosos sons mnemônicos
Que surgem quando chego ao meio desse turbilhão.
Fico contando cada partícula de tempo,
Cada maré que causa banzeiro nessa traineira de carne,
Mas, todas me indicam os ventos do leste.
Molhei meu dedo indicador para sentir a direção,
Com qual ritmo das velas devo acompanhar
A atração gravitacional da tua lua.
Refletida em meu oceano,
Você abre a estrada fluente na linguagem
Esculpida em imagens dessa tua tempestade mental.
Um chiste revele-se em risos e mostre-me seu conteúdo inconsciente.
Em dispersão de oitavas, justas oitavas
Resinifiquei os olhos nos ouvidos
Relativos que lutei tanto paraconseguir,
Ouço-me em tuas maneiras e manias de sussurradas orações
Segue os rastros, secarei o oceano para lhe dar caminhos,
Subsídios para sonhos possíveis
Venho nas vírgulas,
No ar e nas asas das abelhas
Que doam mel e adoçam nossas rezas noturnas
Chegue de olhos fechados
Pois sou vento interno,
Não preciso que veja,
Mas que sinta minha ânsia que inventa versos.

Sons dos (des) iludidos

Tenho inveja dos pássaros, amo o que carrego, mas às vezes duvido
Sou um caminho perverso, mas que conquisto
É natural o movimentar das ondas vibrantes
Cada quartel de meus acordes internos toca
A harmonia em bloco se faz...
A dubiedade no amor é apenas uma ilusão necessária
Pois é imprescindível que olhes para ti,
E quando olhares...
Estás olhando para mim e mesmo que pareça irreal,
A materialização do inconsciente
Está em cada favo que foi criado
A partir da purificação do néctar intelectual.
Meus conectores e cabos de energia
Estão entrelaçados com a personificação
De nossas inventivas monções carregadas nos espelhos d'água

O deserto e o Oásis

Dos achados trazidos no bico dos pássaros,
Que migram para o sul de horas dourados
Sei que a desilusão me mostrará ouro falso.

A verdadeira ventania que faz as artérias "dançar"
Mora nos lençóis maranhenses perto do Nordeste mar.
Uma região intelectual e de vários paraísos,
Onde tem dias de Sol e poesia para tomar

A lancinante dor chega às vezes, no silêncio das aves.
Talvez seja lá que irei encontrar,
No deserto de meu estado delirante,

Na areia escaldante, recalçada nos pés de Hermes,
Parece até miragem por cima de cada grão de areia
Tomar o vinho de Baco sem se embriagar,
Não há graça se não houver alucinação

Escreverei com as penas das aves do teu coração de seda,
Vou me embrulhar, é que durante
O dia faz um calor que desfalece a alma,
Seja a água desse deserto, acalma meu eu,
Logo não quero o caminho dourado de brilho falso
Mas deitar no lençol maranhense e tomar poesia

*Para Gabriel de Júpiter, em
gratidão a sua contribuição e análise crítica a estes poemas.*

Alma nua

Online

Daria férias ao ponteiro só para me alimentar dos nossos pensamentos

Arrancarei o relógio do pulso para que possamos comer poesia sem meio dia

Comer tudo isso que nos sacia as mais diversas células de nosso organismo

Dos sete pecados capitais, quero cometer o pecado da gula ao comer nossos dizeres

O caminho tem vários atalhos, no qual sou tua estrela

Enxugue estes olhos de mosca com lagrima dividida

Os vagalumes irão manter a localização do caminho para prosa

Quero me perder com as palavras que constituíram nossa história

No campo escreveremos com capim as mais belas palavras

Tuas vestes e as alparcas de teus pés serão jogadas para longe

Aquele teu vestido rasgarás, e tu sairás desnuda pelo campo dos girassóis

Alma nua não teme ao frio quando aquecida pelo amor das flores

Jantar da arte

Sentir sua falta é poema sem rima
Pequena mortificação do meu eu
Sei que você é relógio sem número
Mas jamais ausência noturna

Sou seu fiel depositário
O tempo para em suas palavras
A pandemia tem inveja de nós
Esta noite quero sair desse caos

Abaixo da lua quero jantar arte ao seu lado
Saborear as palavras e provar as rimas
Desejo beber as sensibilidades de seus olhos
Deliciar essa literatura como prato principal

Ao garçom, deixaremos poemas como gorjeta
Cantarei para ti sem medo de tirar a máscara
Sem ruídos em sua voz estranha, me chamarás com olhos
E dançaremos na sala do seu violão vernizado

Caixa torácica

Minha caixa torácica guarda cartas carinhosas.
Leio cada frase de surpresa, frases de saudade
Meu corpo, morada agradece ao santo correio

Minha caixa mental de ânsia transborda amor
Quando diz: boa noite Sol da noite
Minha doação interna é complexa
Teu dou minha alma, minha massa e meus poemas

Sei que recebe o meu afeto
O meu coração em forma de ar
É difícil respirar tranquilo no dia a dia
Vejo o seu sorriso ao me ver chegar

Minha alma é uma coberta de fios manauaras
Quero aquecer o amor com tua calma
Seguirei o seu rastro no labirinto
Somos quebra cabeça com peças distintas

Queimarei a tristeza para criar em seu sorriso alegria
Pois não somos metade, apenas sobreviventes
Sou um luzeiro ao meio dia
Canção na tua frente.

Poemas desordenados

Sempre que um pássaro pousar em minha boca
Cantar-te-ei poemas desordenados com vergonha na voz
É uma **“ousadia”** recitar versos que não são meus.



(Um X) No meio da Praia

É um sortilégio sair dos meus lábios poesias
Que estavam em papéis perdidos
O que recita não está contido nos timbres de outrem
Pois digo em cálida, singela e dinâmica do piano
Está no ar de seus pulmões e no inalar das essências
O que vejo, não vejo pairar,
Tampouco o que via é o que eu imaginária
O velejar das caravelas de teus olhos piscantes
Ilumina o caminho das pedras
Nos guiam pelo mapa que os homens não podem ler, desvendar
Então enviarei um beija-flor para recitar em sua janela
Em suas asas repentinas estará o mapa para o nosso encontrar
Traga o seu violão e o piano imaginário dos teus sonhos
Te espero na beira do mar para cantarmos as ondas de Caetano

Sinfônicos domingos

É o amor, não há como explicar
A poesia é uma relação com ele e com o objeto de desejo
Há muito tempo me perdi e em ti me encontrei
Se perder nesse sentido, é um processo lindo
Onde faço e me desfaço junto a você
A poesia que respiro tem nome e endereço,
Sua face como referência
Adoro você e todas as suas maneiras de se mostrar para o mundo
Você foi tatuada em traços mnemônicos,
E sei que vou encontrá-la neles
Sua presença habita meu aparelho psíquico
E mantém minha lira interior tocando
Notas entoadas pelos sorrisos que nascem nos recantos de seus lábios
Fico recordando nós dois embalados por uma tarde de domingo
E sob a Nona Sinfonia de Beethoven,
Fomos levados para o calor de nossas bordas
Seus olhos, sua boca,
Seu sorriso me faz ir para aquele ethos, infinito lugar, desligar!

Vulnerável poeta

Online

Poetisa, estou vulnerável

Despido de armaduras pesadas que criei

Liberdade bateu na alma, agora sente-se livre?

A dubiedade me fere a carne, sinto-me uma lira tocada

Se toca é porque te alcança, quero ser sua instrumentista e te acolher

As cordas do meu ser pulsam por suavidade das mãos, das palavras e canções

Fico vulnerável, fico diluído e sou fluidez

Nascido por detrás do brilho pupilar de quem me ver

Há mistério em minha caixa torácica que não consigo entender

Se entender a armadura no chão compreenderas com o tempo essa confusão

No domingo senti medo, o luto e a ruptura de sair da minha morada armadura

Hoje de encontro com o afeto percebo que amo ser tocado pelos seus cuidados

Sou chuva sem ferro esperando as setes cores aparecerem no céu

Serei teu arco íris de versos, confesso que rezo para o fim do isolamento

Conversa de dedos é ponte sem tábua

Meus braços curtos só permitem abraços de alma

Morada

Não sou difícil de ler,
deixei até páginas em branco
Para aqueles que quiserem uma sinopse de si
E de mim também
Na casinha existe uma rede que ao deitar me sinto em paz
Como se aquele lugar já contivesse um pouco de mim
E de quem já tem o meu afeto.
Os detalhes da sala já são enfeitados por você,
A rede atada não é por acaso
A corda foi permitida,
O afeto embala essa paz sentida...
Bem-vindo! Na mesinha do canto da parede,
Por detrás imagem da santinha,
Existe pintura minha
Nela os dedos tocam o universo
Que sai de dentro de meu violão que tem 10 aninhos
O ser maravilhoso que está construindo
moradia em meu espaço mental
Me faz não ser senhor em minha própria casa,
Pois esta chega abrindo portas e janelas
Aquele controle que eu pensava ter,
Foi apenas ilusão, não controlo mais nada
Furação não tem controle,
Quando sai de sua morada é para morar em outro lugar
Às vezes bagunça cabelo,
Mas sabe arrumar as cortinas com o vento de seu ar
Amando descobrir quadros de parede atrás da fé alheia,
Gosta de transformar, eu vou para me enfiar
Em cada essência que sai daquele lugar
A inspirar profundamente o ar
E suspirar por me sentir um poeta menino
Brinca na chuva para se molhar de alegria,
Ternura e saudade, deixo meu coração falar,
Deixo minha alma conversar com emoções e sentimentos
Deixo meu eu cantar aos quatro ventos,
Tudo ficar e ir com advento do transformar.

Quando estou perto de mim

Quando eu me abraço
Sinto-me mais perto de mim
Mais perto daquilo que sou, daquilo que me tornei,
Daquilo que poderei me tornar, ou daquilo que já fui.
Quando estou perto de mim, não me sinto sozinho, mas acolhido.
Quando eu estou perto de mim o vazio não se faz aqui no peito aberto
O fenômeno do suspirar e o incerto são meus melhores amigos

Quando estou perto de mim, em mim me acho perdido em sonhos,
Em objetivos, mas ao mesmo tempo muito feliz.
Mesmo que a felicidade seja uma ilusão,
Aquela de eternizar um momento de alegria.
Não sinto sede nem fome

Porque quando estou perto de mim,
Alimento-me não mais daquilo que me consome,
Mas de esperança em um futuro que há de vir.
Pois já fui e poderei ser a certeza de todos aqueles que respiram
Quando estou perto de mim fecho os olhos para me sentir dormir
Quando estou perto de mim toco o ar frio e aqueço meu corpo
Como o menino do Rio que sai das águas pulando,
É se secando com a brisa que canta nas folhagens, nos arbustos, nas
Gramas e todas aquelas belas flores do campo,
Ou até mesmo dos bosques.

Quando estou perto de mim sou mais daquilo que poderia ser
Vou para o além, e ao dormir tão cedo a quem me deixou sorrir,
A quem me deixou sofrer, a quem me deixou a dor, aquela que
parece a de morrer, mas é o luto simbólico no momento da negação.

Quando se ouve alguém dizer não, quando estou perto de mim à vida
É mais bela suave e até mesmo de virgem de outros ali a beira do
Lugar que se chama hoje fim do mundo, nos fortes de tempestuosas
Marés que formula horror, o redemoinho de tudo aquilo
Que há dentro do caminho de quando estou perto de mim

Estranhezas em duo universo

Eu toda desmontada monto as peças
Um quebra cabeça complexo desse (eu)
Com poesias infinitas para concluir
Concluir algo sobre mim que não tem fim
Minha estranheza linha de viver a poesia
Colo as peças do quebra cabeça com o vento
Um jogo que se reinventa, nova ressignificação
Estranheza criatividade de não seguir padrões
Estranho corte na face que faz o sorriso
Estranha peça entre o queixo e o nariz
Quebra cabeça de ternura, peças afetivas
Estranho jogo que a alma vicia
Amando os movimentos
Cada verso e pensamentos
Estranhezas de carinho
Estranho bem estar
Peça removida para amar



Karol e Solano, dois refugiados em poemas internos em tempos de pandemia, no qual o distanciamento social era obrigatório, o toque proibido e todos os movimentos aconteciam dentro de casa. Tais transformações fizeram com que Sol e Lua (como se tratam) superassem seus sentimentos através da poesia. Conversas noturnas sobre o cotidiano, as dificuldades, amores, afeto e saudades, viraram poemas, versos mais que elaborados, sentidos. Sol sempre sorri para disfarçar a ânsia do seu primeiro livro, Lua no entanto, o acolhe, pois já passou pela experiência de publicar seus versos. O que eles pretendem com este livro? O cuidado afetivo!

ISBN 978-65-5909-152-2

